

Maria da Luz Alves Pereira

# O gótico de Edgar Allan Poe no cinema



Editora  
Mackenzie



O gótico de  
Edgar Allan Poe  
no cinema



Coleção Saberes em Tese, 21

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

*Reitor:* Benedito Guimarães Aguiar Neto

*Vice-reitor:* Marco Tulio de Castro Vasconcelos

EDITORA MACKENZIE

*Coordenador:* Roberto Borges Kerr

*Conselho Editorial*

Carlos Guilherme Santos Seroa da Mota

Elizeu Coutinho de Macedo

Helena Bonito Couto Pereira

João Baptista Borges Pereira

Jônatas Abdias de Macedo

José Francisco Siqueira Neto

José Paulo Fernandes Júnior

Karl Heinz Kienitz

Luciano Silva

Marcel Mendes

Vladimir Fernandes Maciel

COLEÇÃO SABERES EM TESE

*Diretor:* Benedito Guimarães Aguiar Neto

Maria da Luz Alves Pereira

# O gótico de Edgar Allan Poe no cinema

© 2018 Maria da Luz Alves Pereira  
Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio  
ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação editorial: Irina Migliari  
Estagiária editorial: Maria Luiza Vanz  
Capa e projeto gráfico: Alberto Mateus  
Ilustração da capa: Ana Claudia de Mauro  
Preparação de texto: Nelson Barbosa  
Diagramação: Emap  
Revisão: Irina Migliari

---

P436g

Pereira, Maria da Luz Alves.

O gótico de Edgar Allan Poe no cinema / Maria da Luz Alves  
Pereira. – 1. ed. – São Paulo: Editora Mackenzie, 2018. – (Coleção  
Saberes em Tese ; 21).

200 p. ; 23 cm

Bibliografia.

ISBN: 978-85-8293-723-5

1. Contos americanos. 2. Adaptações para o cinema. 2. Ficção gótica  
(Gênero literário). 3. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. I. Título. II. Série.

CDD 791.4309

---

Bibliotecária Responsável: Eliana Barboza de Oliveira Silva – CRB 8/8925

EDITORA MACKENZIE  
Rua da Consolação, 930  
Edifício João Calvino, 7º andar  
São Paulo – SP – CEP 01302-907  
Tel.: (5511) 2114-8774  
editora@mackenzie.br  
www.mackenzie.br/editora.html

Editora afiliada:

  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

  
Câmara Brasileira do Livro

À professora Lílian Lopondo,  
minha grande incentivadora, que acreditava ser  
o estudo da releitura cinematográfica das obras de  
Poe um trabalho fascinante, minha eterna gratidão.

À Deusa, minha mãe.

*Were I called on to define,  
very briefly, the term "Art,"  
I should call it "the reproduction  
of what the Senses  
perceive in Nature  
through the veil of the soul."  
The mere imitation, however  
accurate, of what is in Nature,  
entitles no man to the sacred  
name of "Artist."  
Denner was no artist.  
The grapes of Zeuxis were  
inartistic – unless in a bird's-eye  
view; and not even the curtain  
of Parrhasius could conceal his  
deficiency in point of genius.  
I have mentioned "the veil of the soul."  
Something of the kind appears  
indispensable in Art.  
We can, at any time, double  
the true beauty of an actual  
landscape by half closing our eyes  
as we look at it.  
The naked Senses sometimes see too  
little – but then always they see  
too much.*

(Edgar Allan Poe)

Se fosse eu conclamado a definir,  
de forma *muito* breve, o termo "Arte",  
chamá-la-ia de "a reprodução  
do que os Sentidos  
percebem na Natureza  
através do véu da alma".  
A mera imitação, embora precisa,  
do que *está* na Natureza, não dá  
o direito a nenhum homem  
ao sagrado nome de "Artista".  
Denner não era um artista.  
As uvas de Zêuxis eram  
inartísticas – a menos que numa visão  
superficial; e nem mesmo a cortina  
de Parrásio conseguiu esconder  
sua deficiência no ponto de gênio.  
Mencionei "o véu da alma".  
Algo do gênero parece  
indispensável na Arte.  
Podemos, a qualquer momento,  
duplicar a verdadeira beleza de  
uma paisagem real, entrecerrando  
os olhos ao contemplá-la.  
Os Sentidos nus às vezes veem  
muito pouco mas, em seguida,  
*sempre* veem muito.

(Tradução nossa)



# Sumário

<b>SOBRE A AUTORA . . . . .</b>	<b>13</b>
<b>APRESENTAÇÃO . . . . .</b>	<b>15</b>
<i>Aurora Gedra Ruiz Alvarez</i>	
<b>INTRODUÇÃO. . . . .</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
Edgar Allan Poe, o criador da moldura do conto moderno. . . . .	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
O gótico ficcional . . . . .	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
Estratégias de representação do gótico. . . . .	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO 4</b>	
Corman revisita o mundo de Usher . . . . .	<b>77</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	
Metzengerstein sob o olhar de Vadim . . . . .	<b>105</b>
<b>CAPÍTULO 6</b>	
Malle resgata o passado de William Wilson . . . . .	<b>131</b>

CAPÍTULO 7

Toby Dammit: a aposta de Fellini . . . . . 161

CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . . 187

REFERÊNCIAS . . . . . 191

ÍNDICE . . . . . 201

## Sobre a autora

**Maria da Luz Alves Pereira**, doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é estudiosa da língua inglesa há mais de 40 anos. Como pesquisadora, atua principalmente nos seguintes temas: tradução, adaptação, intermedialidade, cinema, gótico e dialogismo. Além de integrante do grupo de pesquisa “Estudos da Intermidialidade: teorias e ensino”, atua como avaliadora em alguns periódicos. Atualmente, dedica-se à diligente tarefa de estimular os estudos de Edgar Allan Poe e divulgar a sua obra no Brasil.

# Apresentação

**Muito se tem escrito** sobre Edgar Allan Poe e, em face dessa circunstância, debruçar-se sobre a sua produção é tarefa difícil, especialmente quando se busca encontrar algum viés ainda não trabalhado ou pouco explorado em sua obra.

Maria da Luz Alves Pereira toma para si essa empreitada, escolhendo analisar o gótico, matéria discutida pela crítica no que diz respeito aos contos do escritor americano. No entanto, para trazer uma novidade para o leitor, sabiamente, a autora dirige o seu olhar não exclusivamente a esses, antes amplia o seu foco para incluir as transposições desses textos para o cinema. Acompanhar o exame dos contos que servem de inspiração para as adaptações e conhecer o modo como os cineastas exploram o gótico na narrativa cinematográfica apresenta-se como proposta de leitura que introduz nova perspectiva na discussão desse tema.

Dentre os critérios adotados pela pesquisadora, a originalidade do estudo foi ponto de partida. A eleição do enfoque temático a ser tratado obedeceu a esse propósito. Pouco se tem estudado sobre a transposição do gótico de Poe para o cinema, principalmente quando esse trabalho não se reduz ao estabelecimento da comparação entre o texto literário e o que foi dele convertido em linguagem fílmica com o objetivo de apreender se o enredo da narrativa literária foi integralmente transposto para a cinemato-

grafia, ou se há, nesta última, acréscimos, supressões, inversões, divergências, semelhanças etc. em relação à narrativa de origem.

O estudo referido não deixa de ter o seu interesse, mas o que move Maria da Luz não é o intento de tão somente estabelecer relações entre a história contada pelo mestre das narrativas curtas e a privilegiada pelos cineastas, mas particularmente o esforço para distinguir as soluções estéticas criadas por Poe daquelas figuradas pelos diretores em cada uma das narrativas cinematográficas examinadas: um longa-metragem de Roger Corman, *The fall of the house of Usher* (1960), e outro filme, *Histoires extraordinaires* (1968), constituído por três médias-metragens dirigidos, cada um desses, por diferentes diretores: Roger Vadim, Louis Malle e Federico Fellini. Nesse ponto, situa a grande contribuição da pesquisadora para a academia. Ela fixa o ponto de partida de sua pesquisa nas formulações teóricas sobre o conto de Edgar Allan Poe, discutindo-as quer do ponto de vista da crítica, quer compreendendo-as como material relevante para a construção de contos e poemas. O que se depreende deste estudo é que a precisão composicional dos contos privilegia a relação entre criação e recepção e coloca como cerne dessa escritura tão bem planeada a captação da atenção do leitor. Outro aspecto que importa considerar é que na tessitura da narrativa dos contos, cuidadosamente arquitetada com novas combinações de conhecidas técnicas ficcionais e com as qualidades visuais configuradas nas descrições, reside a razão da grande aceitação dos cineastas que buscam boas histórias para transformá-las em imagens fílmicas. Essa é a filigrana encontrada por Maria da Luz em sua pesquisa. A partir desse achado, parece ter sido um caminho natural para a pesquisadora decidir por investigar como o gótico de Poe foi lido pelo cinema.

Os contos e as adaptações fílmicas selecionadas para compor o *corpus* deste trabalho evidenciam o cuidado com a escolha desse material, bem como o rigor metodológico que privilegia uma leitura pautada por conceitos criteriosamente examinados e

articulados na percuciente análise das textualidades. Neste estudo apresentam-se duas linhas de investigação que se cruzam estabelecendo constantes aproximações: a dos contos e a dos filmes. Na primeira, comparecem dois eixos importantes no exame do texto literário: um eixo busca evidenciar em que medida os contos estão assentados nas bases teóricas da composição da narrativa curta concebidas no ensaio “Philosophy of composition” e nas concepções sobre espaço e ambientação desenvolvidas em “Philosophy of the furniture”, fundamentos basilares para a criação do gótico; o outro eixo discute que traços estéticos do goticismo estão inscritos nas narrativas e que efeitos de sentido nelas produzem.

Perseguindo nessas linhas de raciocínio, a estudiosa concentra-se no traçado de uma historiografia do gótico, recuperando desde as entradas desse vocábulo na cultura ocidental, comentando as refrações que esse conceito sofreu ao longo de sua história pelos escritores e pelos críticos, até desaguar no estudo do gótico. Nessa seara, a autora aplaina as arestas desse tema tão complexo, conduzindo o leitor com mão segura às principais estratégias do gênero, discutindo amplamente o grotesco, expediente muitas vezes relacionado ao terror e ao horror. Esses últimos conceitos ganham espaço em aplicada investigação sobre as origens, as teorias e as funções que esses fenômenos desempenham nas narrativas, assim como o aclaramento das fronteiras entre uma e outra manifestação. Assim, teoricamente instrumentalizados, o leitor é convidado a conhecer o gótico nos contos de Poe e no cinema.

Compreender de que estratégias Poe se vale para imprimir o gótico em suas narrativas constitui saber relevante para ser disposto em um estudo que se estriba na comparação de textos literários com textos fílmicos, à luz dos estudos da Intermidialidade. De um lado, o leitor pode conhecer, ou relembrar, os recursos usados para criar o gótico no texto-fonte, e, de outro, pode identificar e compreender como se instalam os recursos produzidos pelos meios e convenções do cinema no processo de transposição

intersemiótica. Nessa última chave habita um desafio tão grande como na análise das narrativas literárias. Se adentrar o texto de Edgar Allan Poe e apreender os recursos estéticos do gótico nele inscritos exige sensibilidade e maturidade acadêmica, no exame dos filmes não se descartam essas qualidades, tão presentes nas análises aqui realizadas.

Considerando os filmes do *corpus*, eles foram produzidos por cineastas prestigiados, que defendiam concepções de cinema muito distintas, o que implica sérias questões a serem vencidas pelo pesquisador. Trabalhar com Roger Corman, Roger Vadim, Louis Malle e Federico Fellini é um trabalho hercúleo. Cada diretor produz uma obra extremamente peculiar, com técnicas que levam a sua assinatura e cunham um tom próprio ao cinema que criam. Em consequência dessas diferenças conceituais sobre cinema, as variações nas propostas de leituras cinematográficas para um mesmo conto são esperadas. O estudo arguto sobre o trabalho de cada diretor, o olhar atento no exame dos mecanismos de expressão convocados para a expressão do gótico, no que se refere quer à montagem, quer à eleição de certos modos de focalização, iluminação, escolha das cores e na fotografia, os recursos audiovisuais empregados, quer, ainda, à recriação da história do texto-fonte, enfim, todos esses expedientes juntos e ainda outras variáveis que emergem do estudo dos textos são fortes condimentos para o envolvimento do leitor com esta obra.

Ao lado dos aspectos estéticos presentes nos contos de Poe e daqueles nascidos da linguagem cinematográfica, também são contemplados neste estudo temas que cruzam essas narrativas: o tema do duplo e da metempsicose. O debate sobre esses temas ganha relevância em virtude do aparato teórico que dá consistência à argumentação e da fluidez do discurso da autora.

Orientada pelos critérios técnicos aqui mencionados e ocupada em discutir os temas principais inscritos nas obras selecionadas, dos capítulos 4 a 7, Maria da Luz procede a uma análise

acurada dos textos-fonte (conto de Edgar Allan Poe) e das recriações de Corman, Vadim, Malle e Fellini. A exploração das potencialidades de cada linguagem, literária e cinematográfica, e dos efeitos de sentido produzidos pelos recursos estéticos nelas utilizados mobilizarão, com certeza, o interesse do leitor por este trabalho, bem como ativará uma produtiva polêmica acerca do gótico nos contos de Poe e nas adaptações cinematográficas.

AURORA GEDRA RUIZ ALVAREZ



MARIA DA LUZ ALVES PEREIRA PARTE DA TRADIÇÃO contística de Edgar Allan Poe, pelo prisma do gótico, visando a compreender como alguns de seus textos foram transpostos para o cinema por diretores como Roger Corman, Roger Vadim, Louis Malle e Federico Fellini. Aí reside a grande contribuição desse estudo, tese de doutorado que agora vem a público sob forma de livro: se as fortunas críticas da obra do autor, bem como do gótico como gênero literário, são extensas, pesquisas sobre a transposição fílmica e intermediática acerca da obra de Edgar Allan Poe ainda são escassas no Brasil. O livro interessa, portanto, tanto a estudiosos da obra do autor quanto a aqueles que se debruçam sobre estudos de Intermedialidade e Cinema. Também é leitura fundamental para alunos de graduação e pós-graduação em Letras e áreas afins, além de poder interessar aos aficionados por histórias e filmes de terror e horror.

Renata Philippov  
*Professora da Unifesp*

